

A palestrante, de forma bastante apaixonada como deveria ser para todos nós, defendeu o quão fundamental é trabalharmos para que tenhamos no futuro água de qualidade em rios, lagos, lençóis freáticos, aquíferos, oceanos, na atmosfera e onde mais ela estiver presente (claramente o nome de nosso planeta não levou em conta quem ocupa a maioria de sua superfície) sem o que estaremos condenando a tempos muito difíceis não só os seres humano mas boa parte de toda a biodiversidade.

As fontes de contaminação já alcançaram uma intensidade e complexidade enormes: no Brasil quase metade do esgoto humano ainda é lançado na natureza sem nenhum tipo de tratamento; o agronegócios utiliza 70% de toda água consumida que acaba carregando para os lençóis freáticos e rios diversos componentes químicos indesejados, uma parte significativa oriundo do uso ostensivo de adubos químicos; os diversos tipos de mineração (do garimpeiro ilegal de ouro à grandes mineradoras) tratam a água como uma externalidade onde podem lançar praticamente tudo que não tiver valor econômico para eles; o uso crescente de substâncias químicas (do viciado em drogas à indústria farmacêutica, passando pela construção civil, cosméticos, processamento de alimentos e tudo o mais); o excesso de poluição do ar via queima de combustíveis e de florestas que acaba sendo incorporada às águas pelas chuvas; a degradação da enorme quantidade de plásticos descartados que tem aumentado a concentração de microplásticos com consequências ainda sendo estudadas; as falhas e lacunas nas exigências da legislação atual e nas consequências previstas para quem a descumprir; a falta de recursos e apoio político para que uma boa parte dos órgãos de fiscalização e controle possam identificar e exigir cumprimento da legislação existente ... a lista não para de crescer.

Soma-se a tudo isso a enorme desinformação na maior parte da população, incluindo legisladores e repórteres, sobre quais deveriam ser nossas prioridades.

Enfrentar estes desafios, explicou a palestrante, foi o motivo principal para criar o Brazilian Water Research Center (BWRC), que tem como propósitos realizar um intercâmbio intenso de conhecimento com Instituições Nacionais (Agências, Empresas de saneamento, Universidades, ...) e Centros de Pesquisa da Água Internacionais com 5 prioridades iniciais: (1) Segurança da Água (Disponibilidade de Fornecimento); (2) Qualidade da Água e Efluentes (o efluente de hoje será sempre parte da captação de amanhã); (3) Distribuição, Perdas e Telemetria (perdas são recursos muito necessários em outras aplicações literalmente jogados fora, lembrando que as perdas médias do Brasil poderiam ser reduzidas dos atuais quase 40% para menos de 10%); (4) Programa de Educação e Disseminação de Conhecimento e (5) Transferência de Tecnologia. Mais Ciência e Educação é a (re)ação recomendada pela palestrante para ampliarmos os esforços e as contribuições já feitas (que ressaltou terem sido importantes para recuperar e/ou minimizar as degradações descritas).

Convém uma breve reflexão, mais um alerta do que uma ressalva, sobre a recomendação dada pela palestrante para criticar menos e colaborar mais. Embora muito acertada conceitualmente, o uso eficaz da Ciência e da Educação para produzir resultados concretos para desafios de tal magnitude como os apresentados, necessariamente precisará continuar sendo monitorada por **Indicadores de Desempenho** para medir a qualidade/composição de tudo que afete a qualidade das águas e por **Índices Referenciais** que permitam a todos os cidadãos leigos interpretar se os Índices de Desempenho estão num nível ótimo, animador, desanimador ou apavorante, bem como quais são os tipos e extensões das consequências . Todos os Índices precisam ser ostensivamente divulgados e monitorados, os índices bons devem ser comemorados e os índices ruins devem ser endereçados com urgência, o que não deixará de ser uma crítica se vier de fora ou uma autocrítica se vier de dentro da organização que for responsável por este

Índice ruim. A Ciência é movida por críticas incondicionais e colaborações sinceras. Vale também acrescentar que, sem a proposta (4) Programas Educativos e de Disseminação de Conhecimento sejam realizados de forma muito intensa por parte de especialistas com grande credibilidade, seguiremos debatendo desproporcionalmente o nível dos Agrotóxicos nas águas e não nos alimentos ou nos trabalhadores que os manuseiam e deixando completamente de lado outros temas muito mais relevantes. Da mesma forma, os resultados demorarão para se materializar (e talvez o planeta reaja fortemente) se não for implantada de forma eficaz e rápida a proposta (5) Transferência de Tecnologia para quem estiver na linha de frente: usuários de água, geradores de efluentes, operadores de saneamento, monitores e fiscais, sejam eles de organizações públicas ou privadas com ou sem fins lucrativos.

Esta reflexão é igualmente importante para o sucesso do HIDS , um laboratório vivo de um distrito inteligente e sustentável com objetivos muito similares: (1) Criação, Experimentação e Transferência de Tecnologia e (2) Educação e Disseminação de Conhecimento.